

A FAMÍLIA NO ENFRENTAMENTO DA BIFOBIA: fator protetivo ou agravante?

THE FAMILY IN DEALING WITH BIPHOBIA: a protective or aggravating factor?

Raquel dos Santos Miranda¹ (Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-4309-6470>); Lorena Coutinho Lima¹ (Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8128-4249>); Leticia Oliveira da Silva² (Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-9475-5050>); Emily Rayanne Garreto Sousa² (Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0063-4483>); Rafisa Moscoso Lobato Rêgo³ (<https://orcid.org/0009-0006-5988-0948>); Melina Serra Pereira³ (Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6215-8255>).

¹Psicóloga, formada pela Universidade CEUMA. São Luís, Maranhão, Brasil.

²Graduanda em Psicologia pela Universidade CEUMA. São Luís, Maranhão, Brasil.

³ Docente do Curso de Psicologia da Universidade CEUMA. São Luís, Maranhão, Brasil

RESUMO

Introdução: a família, sendo a primeira instituição social de um indivíduo, tem papéis fundamentais podendo promover o acolhimento, transmitir valores, crenças e visões de mundo, existindo a possibilidade de influenciar negativamente ou positivamente também quando se trata de problemáticas sociais. Diante de preconceitos contra as orientações afetivo-sexuais, encontra-se a bifobia, que se caracteriza pela discriminação com pessoas que se identificam como bissexuais. **Objetivo:** no presente artigo objetiva-se analisar as influências da família no enfrentamento da bifobia de jovens adultos. **Materiais e Método:** trata-se de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, a amostra foi composta com a participação de jovens autodeclarados bissexuais, acadêmicos de Psicologia de uma Universidade particular de São Luís – MA. Foi utilizada como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada. **Resultados:** os resultados foram divididos por categorias para melhor construção das análises, que evidenciaram quanto a família pode influenciar o enfrentamento ou agravamento da bifobia. **Conclusão:** portanto, concluiu-se que a forma como a família lida com questões sobre a orientação afetiva-sexual de filhos e filhas bissexuais interfere na maneira como esses indivíduos percebem a si, em sua autoconfiança e, também, na forma como se relacionam com os outros, o que consequentemente repercute na saúde mental.

Palavras-chave: Bifobia; Bissexualidade; Família; Orientação afetivo-sexual; Preconceito.

ABSTRACT

Introduction: The family, being the first social institution of an individual, has fundamental roles such as promoting inclusion or support, transmitting values, beliefs and worldviews, with the possibility of negatively or positively influencing also when it comes to social problems. In the face of prejudices against sexual orientations, there is biphobia, which is characterized by discrimination against people who identify as bisexual. **Objective:** The objective of this article is to analyze

Autor correspondente:

Melina Serra

E-mail: melina.serra@ceuma.br

Fonte de financiamento: Não se aplica

Parecer CEP: nº 5079792

Procedência:

Não Encomendado

Avaliação por pares:

Interna

Recebido em: 11/10/2024

Aprovado em: 05/02/2024

the influences of the family in coping with biphobia in young adults. Materials and Methods: This is a qualitative field research, the sample had the participation of self-declared bisexual young people, Psychology students from a private university in São Luís – MA, a semi-structured interview was used as an instrument for data collection. Results: The results were divided into categories for a better construction of the analyses, which showed how much the family can influence the coping with or worsening of biphobia. The results were divided into categories for a better construction of the analyses, which showed how much the family can influence the coping or worsening of biphobia. The results were divided into categories for a better construction of the analyses, which showed how much the family can influence the coping or worsening of biphobia. Conclusion: Therefore, it was concluded that the way the family deals with issues about the affective-sexual orientation of bisexual sons and daughters interferes with the way these individuals perceive themselves, in their self-confidence and also in the way they relate to others, which consequently has repercussions on mental health.

Keywords: Biphobia; Bisexuality; Family; Simply sexual orientation. Prejudices.

INTRODUÇÃO

O preconceito social ainda é muito evidente quanto às diversas formas de orientações afetivas-sexuais que existem, dentre elas pode-se salientar a bissexualidade que, até mesmo nas produções científicas brasileiras, dificilmente se destaca, de modo geral, vincula-se às orientações homossexuais (lésbicas e gays) como categorização¹. Além disso, dificilmente a sexualidade da pessoa bissexual é genuinamente validada, pois o fato de sentir atração por dois gêneros pode ser visto como indecisão ou “fase”, principalmente quando o indivíduo é jovem.

A sexualidade humana vem sendo estudada ao longo dos séculos e, constantemente, atualiza-se por suas novas variáveis reconhecidas. A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2006, destacou o conceito geral de sexualidade humana:

A sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida e inclui o sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experienciada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem sempre elas são todas experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais².

A sexualidade também faz parte da construção da identidade do sujeito e seu desenvolvimento vai além de um construto social enraizado e padronizado³, visto que, de maneira geral, a sexualidade pode ser considerada como energias que impulsionam os indivíduos ao modo de viver, sentir, agir, “passando a ser compreendida como uma questão estrutural, parte indissociável do contexto social, fruto das relações sociais entre as pessoas”⁴. Nos últimos anos, a Psicologia volta o olhar com grande extensão para as orientações afetivas-sexuais como atribuição dos estudos da sexualidade humana⁵.

A orientação sexual de um sujeito pode ser definida como parte de sua identidade que inclui suas afetividades emocionais ou atrações sexuais (objeto de desejo), por exemplo: heterossexuais são aqueles cujo objeto de desejo é uma pessoa do sexo oposto, enquanto homossexuais sentem atração por pessoas do mesmo sexo. Já os bissexuais podem sentir desejo tanto por pessoas do sexo masculino quanto do sexo feminino, podendo se relacionar simultaneamente ou em momentos distintos com ambos.³.

Podemos considerar a predominância da cultura heteronormativa na sociedade, definindo a heterossexualidade como regra de conduta, corroborando o preconceito contra a diversidade sexual tenha mais evidência, “desqualificam sexualidades, identidades,

comportamentos e comunidades não heterossexuais, demarcando grupos sociais e valorando diferentemente esses grupos e seus membros”⁶.

Esta pesquisa teve como principal objetivo analisar as influências da família no enfrentamento da bifobia de jovens adultos. Como objetivos específicos buscou-se: identificar a ocorrência de comportamentos bifóbicos no contexto familiar; assim como avaliou-se a família como rede de apoio ao enfrentamento da bifobia; além de também possibilitar compreender a relação entre bifobia e sofrimento psíquico. Verificou-se a hipótese de que a família pode ser um fator protetivo ou agravante no enfrentamento do preconceito social de jovens adultos bissexuais. A relevância para a psicologia se configura ao analisar um grupo social que ainda é compreendido como uma minoria na sociedade brasileira, observando como suas relações interpessoais saudáveis podem auxiliar no enfrentamento de problemáticas sociais como preconceitos e tabus. A temática a ser estudada se torna pertinente devido a invisibilidade da orientação bissexual e, consequentemente, da bifobia sofrida. Ainda há muitas lacunas na literatura brasileira referentes a esses tópicos extremamente relevantes no que se refere à saúde mental.

1. Bissexualidade

No universo das diversidades sexuais, encontramos pessoas cuja orientação é autodeclarada como bissexual, que são aqueles que romanticamente, afetivamente e sexualmente se atraem tanto pelo gênero masculino quanto pelo gênero feminino. Essa orientação sexual é vista como duvidosa, polêmica e ambivalente, além de sofrer invisibilização na cultura heteronormativa e binária. Em muitos casos, a bissexualidade é

tratada com maior repressão devido à falta de conhecimento ou preconceitos derivados de outras representações sociais, frequentemente associando-a à promiscuidade e à transmissão de ISTs. Essa estigmatização pode agravar significativamente as discriminações enfrentadas por pessoas que se identificam com essa orientação afetivo-sexual¹.

Ao longo dos tempos o termo bissexual passou por diversas transformações no tocante à sua conceituação. Alguns estudos defendem que no período que corresponde os séculos XVII ao XX, corpos que possuíam genitálias com características femininas e masculinas eram denominados como bissexuais. Em meados do século XIX, profissionais da medicina passaram a utilizar esse termo como definição para indivíduos que psicologicamente manifestavam atributos masculinos e femininos. O psiquiatra alemão Richard von KrafftEbing, autor da obra *Psicopatia do sexo*, definiu essa conjuntura psíquica como “hermafroditismo psicosexual”, termo que foi reajustado por Freud em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* como “hermafroditismo psíquico”. Apenas no século XX, o vocábulo bissexual passou a ser utilizado para classificar os indivíduos que possuíam atração por mulheres e homens¹.

Pode-se discutir que o prefixo 'bi', ao sugerir binaridade ou a ideia de 'dois', leva à concepção de que indivíduos bissexuais sentem atração afetivo-sexual exclusivamente por dois gêneros binários. No entanto, estudos recentes ampliam essa definição, considerando a bissexualidade como a atração por mais de um gênero, indo além da limitação binária.⁷

2. Bifobia e estresse de minoria

Durante o ciclo de vida, os seres humanos enfrentam diversos estressores, aos quais podem se adaptar por meio de recursos internos e externos. Essa adaptação pode gerar tanto consequências positivas quanto negativas, afetando diretamente a qualidade de vida. Indivíduos que não se identificam com a heteronormatividade, por serem considerados minorias sociais, vivenciam situações e experiências distintas, enfrentando fatores estressores diários e específicos dessa condição. Esse fenômeno é conhecido como estresse de minoria. O estresse de minoria abrange estressores subjetivos e ambientais enfrentados por pessoas LGBTQIAP+, como, por exemplo, “expectativas de rejeição, discriminação, ocultação da sexualidade versus saída do armário, construção de uma identidade LGB, homofobia internalizada, entre outros”⁸.

A teoria do estresse de minoria, desenvolvida por Meyer no início dos anos 2000, aborda as conjunturas que impactam a saúde mental dessas pessoas, podendo afetá-la tanto de forma negativa quanto positiva. Meyer estruturou contextos que são vivenciados exclusivamente por indivíduos que não se identificam como heterossexuais, destacando o impacto que esses fatores têm no bem-estar psicológico⁸.

O estresse de minorias, em sua teoria, sugere três tipos de estressores:

1) experiências de vitimização, caracterizadas pelo preconceito, violência, rejeição e agressão relacionadas à orientação sexual; 2) homofobia internalizada, relacionada a ideias aversivas de uma pessoa LGB acerca de sua própria sexualidade); e 3) ocultação da orientação sexual, quando esconde sua identidade LGB de si e/ou de outros. Trata-se de um dos modelos teóricos mais utilizados para explicar de que forma os processos de estigmatização podem estar relacionados aos desfechos negativos proeminentes na saúde mental de pessoas LGB⁸

Bissexuais fazem parte desse grupo de minorias e também detém estressores próprios, uma vez que não pertencem à normativa monossexual, que dita ser apenas possível atrair-se por um dos gêneros, o que interfere diretamente na sua não legitimação e invisibilização. “Essa não legitimação da bissexualidade é denominada de ‘bifobia’ e representa uma invisibilização dessa identidade”⁹.

A bifobia pode ser percebida em nossa sociedade nos mais diversos contextos pelos indivíduos bissexuais, como, por exemplo: nas formas de violência, física, psíquica, moral e verbal, acarretando discriminação e saúde mental prejudicada. Ademais, também pode ser exemplificada como forma de bifobia a marginalização desta população por meio da negativa de sua existência em nossa sociedade, juntamente com a defasagem no que se tange às políticas públicas direcionadas a esta parcela da população. Em decorrência desses fatores a população bissexual tem as suas possibilidades de encontrar acolhimento limitadas ¹⁰.

Outra dicotomia também presente é a ideia de que é impossível ter uma fluidez da sexualidade que seja válida, principalmente pela lógica formada de dois polos definidos, de um lado a heterossexualidade e de outro a homossexualidade³.

3. Família e influências

A família é uma das principais instituições sociais da vida de um ser humano, diz respeito a uma importante área da sociedade onde as políticas públicas podem ser evidenciadas, principalmente no tocante a preservação de direitos e combate à violência e

discriminação, pois é na família onde os prejuízos produzidos pelos preconceitos sociais podem se manifestar com maior intensidade¹¹.

No contexto em que uma pessoa bissexual decide revelar sua orientação afetivo-sexual à família, surgem questões delicadas relacionadas ao medo da rejeição e ao receio de desapontar seus familiares, cientes de que sua identidade não corresponde às expectativas heteronormativas impostas por eles¹².

O acolhimento familiar pode interferir diretamente no bem-estar do sujeito ao se revelar como bissexual. “A revelação da orientação sexual pode permitir que o sujeito se sinta protegido pela família e pelas pessoas que o cercam na sociedade e que mantenham bons resultados de saúde de modo geral, além de vivenciar e sentir o apoio recebido”¹².

Sendo a família a primeira instituição psicossocial da pessoa, atribui-se a ela o papel de designar e transmitir valores e de estabelecer relacionamentos com o outro e consigo, por tal modo espera-se que estes membros forneçam e supram necessidades como segurança e afetividades¹³. Quando o indivíduo não encontra um ambiente de apoio, isso pode influenciar significativamente o sofrimento psíquico, especialmente quando associado ao preconceito social.

No meio acadêmico, algumas pesquisas destacam a existência de tabus relacionados às vivências que não seguem o padrão heteronormativo. Esses tabus atuam como mantenedores de diversas formas de discriminação, impactando diretamente a saúde dessa comunidade e gerando estressores específicos para essa minoria. Esses estressores

têm um elevado potencial para causar sofrimento psíquico, além de reforçar desigualdades sociais¹⁴.

O presente trabalho foi elaborado através do levantamento de dados referentes às temáticas abordadas juntamente com uma pesquisa de teor qualitativo. Este artigo é constituído pela Introdução, já apresentada, na qual consta o referencial teórico que fundamentou este estudo. A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados, seguidos dos resultados e discussões. Por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas citadas.

MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo ocorreu a partir de uma pesquisa de campo, por meio do método indutivo, com o caráter qualitativo, de cunho descritivo e exploratório que pretendeu descrever características de determinados grupos ou construtos, identificando congruências entre variáveis¹⁵.

Participaram dessa pesquisa 10 pessoas, 3 homens e 7 mulheres, sendo elas acadêmicas e acadêmicos de Psicologia de uma Universidade particular de São Luís - MA, jovens adultos (18 a 30 anos de idade) autodeclarados bissexuais, cisgêneros. Foram excluídas pessoas que não cursavam Psicologia, que possuíssem qualquer outra orientação afetivo-sexual, senão a bissexual. Também não poderiam participar pessoas na faixa etária inferior à 18 anos e superior aos 30 anos e que apresentassem qualquer tipo de comprometimento cognitivo que impedisse a realização da entrevista.

Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada, com perguntas referentes a dados sociodemográficos e com perguntas abertas abordando a temática do estudo. Inicialmente a coleta de dados ocorreu por meio de convites transmitidos pessoalmente para estudantes de Psicologia autodeclarados bissexuais para a participarem da entrevista. Logo que era confirmado o interesse na participação, estabelecia-se o horário e local para acontecer a entrevista.

Os devidos aspectos éticos foram respeitados de acordo com as orientações da Resolução 466/12 do CNS, que visa respeitar os direitos e deveres dos participantes da pesquisa, garantidos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi inicialmente estabelecido. A pesquisa foi iniciada após a liberação do Comitê de Ética em Pesquisa, parecer nº 5079792. Além do respeito ao aspecto como o sigilo sobre dados pessoais dos participantes. O TCLE foi apresentado e lido pela pesquisadora responsável junto aos participantes, que rubricaram todas as páginas do TCLE tendo início então a coleta de dados, na qual responderam perguntas sobre questões sociodemográficas e, logo em seguida, começou-se a gravação da entrevista semiestruturada com a temática da pesquisa realizada.

Após a finalização das entrevistas, estas foram transcritas e prosseguiu-se com a análise dos dados a partir da Análise de Conteúdo¹⁶, que se trata de uma técnica que permite verificar hipóteses através de formulação de questões que serão respondidas pelo público-alvo, confirmando ou não essas hipóteses, além de permitir descobertas na investigação de causas das problemáticas. Seguindo a análise de conteúdo proposta, os

resultados foram divididos em categorias de análise para melhor compreensão, sendo realizadas as inferências e as interpretações. A discussão foi exposta a partir do referencial teórico que fundamentou este estudo.

Na referida pesquisa, os possíveis riscos poderiam ser alguns desconfortos emocionais, por se tratar de temáticas que, para algumas pessoas, poderiam ser delicadas. No entanto, o estudo proporcionou benefícios para os avanços das temáticas da Psicologia, contribuindo para uma melhor compreensão e um olhar humanizado voltado para a população desta comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas com perguntas definidas de acordo com os objetivos da pesquisa. A amostra alcançada continha 10 estudantes de psicologia, autodeclarados bissexuais. Conforme Tabela 1, no que se refere aos dados demográficos, a população consistia em 3 participantes do gênero masculino e 7 participantes do gênero feminino, com faixa etária de 21 a 29 anos, sendo eles 2 pessoas com 21, 4 com 22, 3 com 23 e apenas 1 com 29. Quanto à autodeclaração de raça dos participantes, 7 pardos, 2 negros, e 1 branco. Quando questionados sobre a renda, apenas 2 relataram ter renda própria de um salário-mínimo, 8 são dependentes financeiramente dos pais e parentes. Quanto ao estado civil todos os participantes eram solteiros. Quanto à religião, duas pessoas autodeclaradas cristãs, duas católicas e as demais relataram que não possuem atualmente nenhuma religião definida.

Tabela 1. Dados Sociodemográficos

PARTICIPANTES	GÊNERO	IDADE	RAÇA	RELIGIÃO
P1	Feminino	21	Negra	Cristã
P2	Feminino	29	Parda	Não possui
P3	Feminino	22	Parda	Não possui
P4	Masculino	22	Negra	Não possui
P5	Masculino	23	Branco	Não possui
P6	Feminino	22	Parda	Não possui
P7	Feminino	22	Parda	Não possui
P8	Masculino	23	Pardo	Cristão
P9	Feminino	23	Parda	Católica
P10	Feminino	21	Parda	Católica

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os resultados obtidos corroboram a hipótese de que a família pode atuar tanto como um fator protetivo quanto agravante no enfrentamento do preconceito social, especificamente da bifobia, vivenciada por jovens adultos bissexuais. A análise das discussões foi realizada com base em categorias selecionadas de acordo com os objetivos inicialmente propostos.

Uma melhor compreensão, os resultados da pesquisa serão apresentados e discutidos a partir de categorias de análise, a saber: 1) Bifobia no contexto familiar; 2) Sofrimento Psíquico; 3) Rede de apoio; 4) Vivências Bissexuais.

1. Bifobia no Contexto Familiar

Durante as entrevistas, foi possível identificar falas e comportamentos bifóbicos no ambiente familiar dos participantes, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2. Bifobia na família

PARTICIPANTE	RELATOS DE BIFOBIA NA FAMÍLIA
P-2	<i>“Quando eu me envolvi amorosamente de relacionamento com homens héteros, também houve brincadeirinhas tipo ‘ela não corta mais pros dois lados, agora ela não brinca mais’, como se fosse uma diversão estar com mulheres e, com homem fosse uma coisa certa”</i>
P-4	<i>“[...]É como se ‘B’ não existisse, então era como ou você é hétero ou você é gay e na verdade, não era nem o termo gay, eram termos pejorativos mesmo, então quando era falado sobre isso na igreja, ou então no contexto familiar ou então no ciclo social mais limitado da época, era posto dessa forma, ou tu é bichinha, ou tu é gay, ou tu é homem sério que é do tipo que é pra uma mulher.”</i>
P-7	<i>“[...]ela viu que eu fiquei com fulana de tal e, começou, aí ela falou assim ‘minha filha tu é[sic] muito linda’, tipo assim, pessoas feias que fazem isso? ‘tu é[sic] tão linda porque tu vai[sic] ficar com meninas? sendo que tem</i>

- tantos homens bonitos aqui’, aí ela começou a falar um monte de coisa, que eu tinha que voltar pra igreja, que eu estava me perdendo.”*
- P-9 *“[...]eu estou namorando atualmente um homem e aí quando eu contei pra minha família, foi uma coisa que eu já esperava, ‘finalmente, pensei que tu era[sic] sapatão’[...].”*
- P-10 *“Eu tenho amigos que são bissexuais e homossexuais e em momentos eu já ouvi tipo ‘eu deixo entrar na minha casa, mas tem que ter um limite’ então tipo assim ‘amiga de S... que é lésbica, ou que é bissexual, pode entrar na casa, pode ser amiga dela, mas ela não, porque com meu filho não’ eu já ouvi isso várias vezes”*

Durante as entrevistas, os 10 participantes da pesquisa relataram sentir-se invalidados em sua orientação afetivo-sexual por parte da família, enfrentando preconceitos manifestados por meio de falas pejorativas. Essas interações criaram um ambiente no qual os bissexuais frequentemente se sentem incomodados e não acolhidos. Conforme abordado nas fundamentações teóricas, a bifobia continua a ser uma realidade recorrente nas vivências bissexuais, sendo sustentada por diversos estigmas.

O preconceito contra a bissexualidade é alimentado por estigmas que retratam esses indivíduos como indecisos, sugerindo que ainda não ‘escolheram’ se serão

heterossexuais ou homossexuais. Isso reforça a negação das identidades multissexuais, tratando a bissexualidade como um estado temporário, em que o indivíduo parece estar sempre passando por um processo de ‘decisão’ sobre qual gênero mais lhe provoca desejo ou atração⁷. Isso é afirmado na fala “[...] é como se o “B” não existisse, então era como, ou você é hétero ou você é gay[...]" (P-4).

A problemática da sexualidade revelou-se de forma significativa nos dados coletados, indicando que ainda persiste um grande tabu em discutir essa temática, especialmente no contexto familiar. É evidente que muitos pais e familiares enfrentam dificuldades em lidar com questões relacionadas à sexualidade, o que requer discussão e reflexão. Com frequência, pais e familiares sentem medo ou desconforto em abordar tais assuntos, ou simplesmente não possuem informações suficientes para tratá-los de maneira aberta e sem preconceitos¹².

Além disso, observa-se certa negligência por parte dos familiares em tentar compreender os membros da família cuja orientação afetivo-sexual não se alinha às expectativas heteronormativas. Isso resulta em desconforto, frequentemente manifestados por meio de comentários desnecessários e equivocados. Exemplos notados nas falas “[...]eu tou namorando atualmente um homem e aí quando eu contei pra minha família, foi uma coisa que eu já esperava, ‘finalmente, pensei que tu era [sic] sapatão’ [...]” (P-9). “[...]já ouvi bastante, ou então, ‘aquele ali é gilete que corta pros dois lados’, entende?! Como cunho mesmo de sem-vergonhice, de indecisão e de promiscuidade” (P-10).

A presença de um filho ou filha que não se encaixa no padrão heteronormativo pode causar frustração em pais que revelam sua intolerância, pois esperam que seus filhos sigam o ‘roteiro da vida’ que foi traçado desde o nascimento¹³. Essa situação representa uma perda de controle para os familiares, uma vez que suas expectativas em relação à forma como os filhos expressam seus afetos e se posicionam na sociedade podem não ser atendidas. Consequentemente, é alta a probabilidade de que esses indivíduos enfrentem dificuldades na aceitação de sua orientação afetivo-sexual por parte dos familiares. Isso foi corroborado pelo relato da participante P-7, que, por viver no interior com a avó, sentiu a necessidade de se mudar após a descoberta de sua sexualidade “[...]minha avó, se eu contasse, ela ia me deserdar... tanto que ela falou para a minha mãe ‘ah quando aquela menina do interior estava dando em cima, cortei logo...Que eu não vou aceitar esse tipo de coisa aqui em casa’” (P-7).

2. Sofrimento psíquico

Os participantes compartilharam relatos sobre diferentes formas de sofrimento psíquico, ilustradas nos exemplos da Tabela 3.

Tabela 3. Tipos de Sofrimentos Psíquicos

PARTICIPANTES	RELATOS DE SOFRIMENTOS PSÍQUICOS CAUSADOS POR BIFOBIA
P-1	<i>“[...]eu baixei aquele pensamento será se realmente sou bissexual e tudo, e também, de se sentir invalidada por outras pessoas falarem ‘ah, mas tu se</i>

- diz [sic] bissexual, mas só teve relacionamentos com homens, sabe então, isso me deixa bem em uma caixinha, assim bem inferior”*
- P-3 *“[...] eu comecei a entrar em conflito por conta da religião, eu não estava entendendo o que estava acontecendo, eu pensei que era pecado, que eu ia pro inferno, não sei, eu acreditava que as coisas ruins que estavam acontecendo na minha vida, qualquer coisa ruim que acontecesse na minha vida seria por causa disso, por causa de ‘está acontecendo porque eu estou indo contra Deus’, era isso meu pensamento, eu não comungava mais, então eu me sentia muito a parte daquilo, não me sentia mais acolhida [...]”*
- P-5 *“Um sentimento tanto de tristeza pela agressão sofrida e de revolta né, porque essas pessoas que praticam esse tipo de violência institucional elas acabam pegando um construto que refere a quem você é e usando isso para de alguma forma te desvalorizar, então isso é bem chato.”*
- P-8 *“É um sentimento bastante ruim porque às vezes parece que a gente tem que se justificar ou que a gente tem que assumir algo, que as pessoas impõem, tipo ‘ah tu prefere isso ou aquilo’ eu não posso preferir os dois?! ou então eu posso até preferir mais um ou outro, mas essa questão do questionamento de invalidar a gente se sente meio invisível.”*

P-10	<i>“[...]foi bem difícil, porque aí eu já pensei ‘então, eu não posso ser assim,’ então, por mais que o processo estivesse acontecendo aos poucos, eu já sabia que na minha casa não poderia ser desse jeito, então, se eles falam isso de outros, então eles vão falar de mim também, e outras pessoas de outras famílias vão falar desse jeito de mim também.”</i>
------	--

Nos relatos coletados, observou-se que todos os 10 participantes da pesquisa vivenciaram algum tipo de sofrimento psíquico decorrente de situações de bifobia no contexto familiar. A maior parte desse sofrimento estava relacionada à falta de acolhimento por parte dos familiares, manifestando-se em formas de rejeição, sentimento de revolta e discriminação, como na fala do participante P-5 “Um sentimento tanto de tristeza pela agressão sofrida e de revolta né, porque essas pessoas que praticam esse tipo de violência institucional elas acabam pegando um construto que refere a quem você é e usando isso para de alguma forma te desvalorizar”.

Notou-se que a bifobia praticada pela família acarreta alguns prejuízos na vida de bissexuais, afetando a autoestima, a autoconfiança, e o modo como esses indivíduos se relacionam com outras pessoas, tanto afetivamente quanto sexualmente, por vezes podendo gerar ansiedade e sentimentos de menos-valia.

O sofrimento das pessoas bissexuais está também relacionado à expectativa de se revelar a seus familiares, o que pode acarretar medos, inseguranças e incertezas. É interessante notar que, durante a coleta de dados, apenas 5 dos 10 participantes relataram

que suas famílias nucleares tinham conhecimento sobre sua bissexualidade. Os relatos indicaram que esse processo de revelação não é fácil, uma vez que envolve riscos, como a possibilidade de rejeição e o estranhamento decorrente da falta de compreensão sobre o que significa ser bissexual, entre outros fatores. Isso pôde ser analisado na fala de P-10 “[...]foi bem difícil, porque aí eu já pensei ‘então, eu não posso ser assim’, então, por mais que o processo estivesse acontecendo aos poucos, eu já sabia que na minha casa não poderia ser desse jeito, então, se eles falam isso de outros, então eles vão falar de mim também”.

No entanto, observou-se que os ambientes sociais em que os participantes estão inseridos podem contribuir para o sofrimento vivenciado, devido às diversas formas de preconceito direcionadas à sua orientação afetivo-sexual. Por não se encaixarem no padrão heteronormativo, a população LGBTQIA+ torna-se mais vulnerável à discriminação e ao preconceito social¹⁴. Essa realidade gera desconforto e compromete a saúde mental dessas pessoas, conforme observado nesta situação relatada pela Participante P-3 “[...] eu comecei a entrar em conflito por conta da religião... qualquer coisa ruim que acontecesse na minha vida seria por causa disso... não me sentia mais acolhida”.

3. Rede de apoio

Os participantes da pesquisa relataram a existência de uma rede de apoio composta por alguns membros da família, conforme evidenciado pelos resultados apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. Formas de Redes de apoio

PARTICIPANTES	RELATOS DE REDES DE APOIO EXISTENTES NAS FAMÍLIAS
P-3	<i>“[...]minha irmã também, nossa, minha irmã 100%, até porque ela faz parte da comunidade e ela sabe como é, então eu tenho apoio dela”</i>
P-6	<i>“[...]já basta o preconceito, a violência que a gente sofre fora daqui, não no quesito de ‘ah eu posso ser agredida’ não, mas os olhares assim, deixa a gente mal de certa forma, então saber que eu tenho esse apoio da minha família é muito importante.”</i>
P-7	<i>“[...]eu percebi que esse assunto para minha mãe, estava de uma forma mais aberta, assim eu poderia conversar com ela tranquilamente sobre isso, percebi que a gente se aproximou muito[...].”</i>
P-8	<i>“O meu irmão a gente não conversa muito sobre isso, apesar dele [sic] conhecer a minha sexualidade, por questões mesmo de convivência e comportamentos, mas acredito que se eu me sentisse mal poderia compartilhar com ele e ele sim seria o mais provável de ser uma rede apoio [...]”</i>
P-9	<i>“[...]a minha mãe é uma pessoa mais aberta a te ouvir, eu acho que eu teria o apoio dela também, na verdade ela já até perguntou pra mim, eu disse ‘não mãe’, é porque eu ainda não me senti à vontade para falar sobre, mas eu sei que por parte da minha mãe eu teria apoio.”</i>

Nos resultados obtidos, cinco participantes relataram que suas famílias nucleares tinham conhecimento sobre sua bissexualidade e mencionaram a presença de algum tipo de rede de apoio, que variava entre aceitação total e parcial. Em sua maioria, as mães e os irmãos destacaram-se como as principais fontes de apoio. Por outro lado, os cinco participantes que ainda não revelaram sua bissexualidade à família nuclear identificaram redes de apoio provenientes de outros parentes ou amigos. Esses participantes ressaltaram a importância desse suporte como um fator protetivo para a saúde mental. Como pontuou a P-6 “[...]já basta o preconceito, a violência que a gente sofre fora daqui, não no quesito de ‘ah eu posso ser agredida’ não, mas os olhares assim, deixa a gente mal de certa forma, então saber que eu tenho esse apoio da minha família é muito importante”.

As famílias dos participantes, segundo seus relatos, em sua maioria mostraram-se resistentes, porém com alguns membros mais abertos para ouvi-los. “[...]é ali que a gente vai estabelecendo nossos laços, nossos vínculos, nossa principal rede, então acho muito importante ter aceitação desse grupo familiar pra a gente se sentir aceita né” (P-2)

O apoio, mesmo quando se constrói de forma lenta, contribui significativamente para o fortalecimento dos vínculos, da autoestima e da autoconfiança do indivíduo, preparando-o para lidar e enfrentar as discriminações presentes em outros contextos sociais. “[...]Eu percebi que é esse assunto para minha mãe, estava de uma forma mais aberta, assim eu poderia conversar com ela tranquilamente sobre isso, percebi que a gente se aproximou muito[...]”, relatou a P-7.

É importante destacar que a ausência desse apoio ou a percepção de que ele pode não ocorrer podem dificultar as relações interpessoais. O acolhimento por parte de pais, mães e outros familiares pode ser difícil e desafiador, especialmente durante o processo de revelação da orientação sexual, um momento frequentemente carregado de ansiedade e sofrimento¹³. Durante as falas, destacou-se de forma marcante o medo de que a revelação da bissexualidade pudesse causar decepção nos familiares:

Eu tenho vontade de contar pra eles, porém eles são muito tradicionais e muito conservadores e homofóbicos, então contar pra eles é ao mesmo tempo que pudesse ser libertador pra mim, seria ter que me preparar pra ver eles chorando copiosamente, pensando 'onde que eu errei?'(P-4).

No contexto familiar, espera-se que os membros se unam e se protejam, uma vez que é dentro da família que o indivíduo vivencia as primeiras impressões sociais. É fundamental que a família atue como um fator de proteção, promovendo a manutenção de laços afetivos e contribuindo para a qualidade de vida, o que, por sua vez, impacta diretamente a saúde mental dos indivíduos.

4. Vivências bissexuais

A maioria dos participantes se sentiu à vontade para discutir suas principais dificuldades relacionadas à vivência da bissexualidade, incluindo momentos de descoberta e desabaços sobre experiências de bifobia em contextos gerais. Exemplos dessas experiências podem ser encontrados na Tabela 5.

Tabela 5. Vivência bissexual

PARTICIPANTES	RELATOS DE VIVÊNCIAS BISSEXUAIS
P-1	<i>“Foi um conflito, um grande conflito, eu acredito que eu realmente consegui aceitar, digamos, quando eu vim pra cá, pra capital, faculdade, porque querendo ou não aqui a gente tem mais contato sabe, a gente se sente mais livre, eu era do interior, eu sou do interior, aquela questão muito estigmatizada que tem que ser aquele padrãozinho de hétero.”</i>
P-4	<i>“Se tratando de bifobia, o que eu sinto quando vejo isso, no momento, é meio que eu sinto uma raiva, porque assim, ‘pow’ tu fala [sic] isso porque tu nunca estudou sobre isso, ou porque isso não é teu local de fala, isso não é a tua vivência, se tu não tem vivência, tu não pode falar como eu me sinto, ou aquilo que eu tenho preferência ou não.”</i>
P-7	<i>“eu lembro da primeira vez que eu levei uma menina lá pra casa foi muito desconfortável para mim, porque eu ficava muito nervosa, eu não era acostumada a levar mulher lá pra casa, só homem, então foi muito estranho para mim.”</i>
P-9	<i>“[...]eu passei um bom tempo negando essa questão, até porque como eu fui criada no interior até desconstruir várias coisas em mim e, ainda estou desconstruindo algumas questões, o processo foi de forma bem lenta, até eu poder [sic] dizer que eu realmente sou bissexual.”</i>

P-10

“E eu acredito que esse processo de estar sozinha tenha contribuído com a minha percepção, então me afastar desse núcleo de família, de preconceito contribuiu pra que eu tivesse uma pausa mesmo e pensasse sobre mim.”

Durante as entrevistas realizadas, foram abordadas questões que exploraram as vivências bissexuais, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a temática e enriquecer os resultados. Os tópicos discutidos incluíram os processos de autodescoberta e autoaceitação da orientação afetivo-sexual; experiências de bifobia em contextos gerais e familiares; redes de apoio dentro e fora do lar; o processo de revelação ou não da bissexualidade para a família; fatores que os participantes acreditavam serem mantenedores dos preconceitos no ambiente familiar; e a forma como cada participante compreende a bissexualidade.

Quando questionados sobre a definição de bissexualidade, 8 dos 10 participantes a definiram como a atração afetiva e sexual por dois gêneros, masculino e feminino. No entanto, os outros 2 participantes relataram a possibilidade de se sentirem atraídos por outros gêneros, corroborando as definições apresentadas em pesquisas recentes sobre bissexualidade, que discutem a desconstrução da binariedade na experiência bissexual. Essas definições indicam que o desejo bissexual pode se estender para mais de dois gêneros¹⁷.

Quanto ao processo de autodescoberta, as falas dos participantes evidenciam que esse pode ser um percurso conflituoso, uma vez que a monossexualidade é frequentemente

exigida como padrão social. Essa imposição pode dificultar a compreensão da própria orientação afetivo-sexual. A monossexualidade é particularmente prevalente na cultura ocidental, que favorece modos de ser monoafetivos e monossexuais, em detrimento da aceitação de múltiplas possibilidades¹. Essa condição, conforme afirmam os autores, agrava as dificuldades enfrentadas durante os momentos de descoberta e autoaceitação da bissexualidade, pois o indivíduo pode entrar em conflito ao perceber seu desejo por mais de um gênero.

Além disso, as interações sociais frequentemente incluem falas e comportamentos que questionam a validade da bissexualidade, o que pode contribuir para a invalidação da identidade bissexual. “[...] já ouvi dos meus amigos ‘ah, mas tu é hétero e talvez tu só tá tendo uma experiência lésbica’, mas como assim uma experiência lésbica?! Porque que eu tenho que ser hétero e ter uma experiência lésbica, mas eu não posso dizer que sou bissexual?!” (P-10).

As crenças de que a bissexualidade é simplesmente uma combinação de heterossexualidade e homossexualidade alimentam a bifobia, ignorando o fato de que a bissexualidade é uma orientação afetivo-sexual genuína e autônoma. Um dos estigmas prevalentes é a ênfase em preferências afetivas que tendem a se concentrar mais em um gênero do que em outro, como se essa preferência pudesse determinar a sexualidade do indivíduo, o que, por sua vez, invalida a experiência bissexual.

[...] soltaram o seguinte comentário que bissexual só é a pessoa que 50% gosta [sic] de homem, 50% gosta [sic] de mulher, se 99% tu gostar de homem e 1% tu gostar de mulher tu é hétero, se 99% do

gostar, o inverso, tu é lésbica, e nesse momento eu me senti invalidada (P-3).

Os participantes identificaram diversos fatores que perpetuam preconceitos dentro das famílias. Entre os mais citados, destacam-se: a expectativa de um padrão heteronormativo, mencionado por 2 participantes; a cultura machista, apontada por 4; o fator transgeracional, relatado por 3; a falta de informação sobre a temática, citada por 3; o cenário político atual, mencionado por 2; e, por fim, o fator religioso, que foi o mais recorrente, relatado por 6 participantes. Esses fatores podem contribuir significativamente para o agravamento da bifobia enfrentada por esses indivíduos.

Além disso, existem fatores de proteção que promovem um sentimento de acolhimento e refletem-se na autopercepção de bem-estar. Esses fatores incluem o suporte familiar, amizades e grupos de convívio diário, como os vínculos estabelecidos no contexto universitário. O fortalecimento de laços com pessoas que proporcionam identificação e um sentimento de pertencimento torna-se um fator protetivo para indivíduos que não se identificam como heterossexuais, como pontuado pela Participante P-4: “as amizades também que eu fiz ao longo do curso, na faculdade, que eram bissexuais e tipo que me mostravam que estava tudo bem com isso, que eu podia beijar meninos e podia beijar meninos”.

CONCLUSÃO

A bissexualidade é caracterizada pela atração afetiva e sexual por mais de um gênero. Essa vivência pode causar estranhamento por parte de uma sociedade que tem a monossexualidade, especialmente a heterossexualidade, como padrão, resultando na perpetuação de preconceitos e discriminação contra aqueles que não se identificam com esse modelo imposto. Para os indivíduos bissexuais, essas discriminações manifestam-se como bifobia, contribuindo para sentimentos de invalidação dessa comunidade.

As questões relacionadas à sexualidade no contexto familiar ainda são consideradas um grande tabu. No entanto, os membros da família podem adotar posturas diversas em relação às orientações afetivo-sexuais. Os dados da pesquisa demonstraram um alcance satisfatório em relação aos objetivos propostos, evidenciando que a forma como a família lida com essas questões influencia a autopercepção dos bissexuais e sua capacidade de enfrentar a bifobia proveniente de outras instituições sociais.

Assim, foram identificados comportamentos bifóbicos no meio familiar, revelando uma intersecção entre o sofrimento psíquico vivenciado pelos participantes e a bifobia que enfrentam. Isso destaca a importância das redes de apoio para esses indivíduos. Embora a família represente a rede de apoio mais protetiva, também pode ser um fator agravante do sofrimento.

O instrumento utilizado para a coleta de dados permitiu um aprofundamento nas nuances da vivência bissexual, concluindo que a bifobia no contexto familiar pode ocasionar sofrimentos que afetam a autopercepção, autoestima e autoconfiança, além de

influenciar a maneira como os indivíduos se relacionam com os outros. É essencial destacar que a família, como a principal rede de apoio, desempenha um papel crucial na manutenção da qualidade de vida e na promoção da saúde mental, especialmente para aqueles que não se alinham aos padrões sociais convencionais relativos à vivência da sexualidade.

Essa temática tem sido constantemente atualizada à medida que novas pesquisas emergem no meio acadêmico e científico, assim como pelo crescente reconhecimento das vivências da população bissexual. No entanto, há uma necessidade premente de estudos que aprofundem a investigação sobre esse tema, contribuindo para um olhar mais acolhedor e para o desenvolvimento de modelos de intervenção psicossocial específicos para a comunidade bissexual, que muitas vezes é negligenciada no contexto LGBTQIAP+.

Esta pesquisa enfrentou limitações devido ao número de participantes, o que restringiu o aprofundamento das discussões. No entanto, ela contribui para preencher uma lacuna nas produções científicas sobre a bissexualidade. Ainda há uma necessidade urgente de continuar discutindo o tema, visando aumentar a visibilidade e contribuir para a redução do preconceito.

REFERÊNCIAS

1. Jaeger MB, Longhini GN, Oliveira JM, Toneli MJF. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. *Periódicus*. 2019;2(11).
2. World Health Organization. Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health, 28-31 January 2002, Geneva. Geneva: World Health Organization; 2006.

3. Silva ICA, Leite FF. A bissexualidade como incógnita e fragmentação normativa ligada à dicotomia hétero/homo: cartografando produções em ciências humanas e sociais. *Id onLine Rev Mult Psic.* 2020;14(51):861-79.
4. Melo SMM, Pocovi RMS. Educação e sexualidade. 2nd ed. Florianópolis: UDESC; 2008.
5. Assunção MMS, Silva LR. Formação em psicologia e diversidade sexual: atravessamentos e reflexões sobre identidade de gênero e orientação sexual. *Rev Grad Psicol PUC Minas.* 2018;3(5).
6. Nietzsche EA, Tassinari TT, Ramos TK, Salbego C, Cogo SB, Antunes AP. Cuidado às mulheres lésbicas e bissexuais na formação em enfermagem: percepção de discentes. *Educ Rev.* 2022;38
7. Brandão DM. Visibilidade: um olhar sobre as mulheres multissexuais [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2022.
8. Paveltchuk FO, Borsa JC. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. *Rev SPAGESP.* 2020;21(2):41-54.
9. Paveltchuk FO, Borsa JC, Damásio BF. Apoio social, resiliência, estresse de minorias e saúde mental de mulheres lésbicas e bissexuais. *Psicol USF.* 2020;25(3):403-14.
10. Organização das Nações Unidas. Cartilha Bissexualidade. Livres e Iguais. 2018. Disponível em:
https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Discrimination/LGBT/FactSheets/UNFE_FactSheet_Bisexual_PT.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.
11. Barbosa AC, Rodrigues MS, Silva PF. A família como instituição social no contexto das políticas públicas: direitos e enfrentamento da violência e discriminação. *Rev Bras Polít Públicas.* 2020;9(2):245-61.
12. Nascimento GCM, Scorsolini-Comin F. A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. *Trends Psychol.* 2018;26(3):1527-41.
13. Rosa R, Ramanini M. Da culpa e do medo ao alívio e desejo de ser quem se é: a “saída do armário” de jovens homo e bissexuais para suas famílias. *Rev Divers Educ.* 2020;8(2):414-37.
14. Pimenta AS, Conceição PWR. Os impactos da heteronormatividade institucional na saúde mental da população LGBTQIA+. *Rev Acad Períod.* 2021;2(5).
15. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 6th ed. São Paulo: Atlas; 2017.
16. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18th ed. Petrópolis: Vozes; 2001.
17. Cruz BF, Lima MLC, Carneiro LRC. Faces da bifobia dentro (e fora) da comunidade LGBTQIAP+: reflexões a partir de narrativas de pessoas bissexuais. *Sexualidad Salud Soc Rev Latinoam.* 2022

Agradecimento

Não se aplica.

Conflito de interesse

As autoras do presente artigo declaram que não há conflitos de interesse financeiros, comerciais ou de qualquer outra natureza que possam ter influenciado os resultados e discussões apresentados. A pesquisa foi conduzida de forma independente e imparcial, garantindo a integridade acadêmica e científica do estudo.